

# Qual a origem da linguagem?

O uso de computadores na investigação sobre a linguagem está levando alguns pesquisadores a resgatar o velho mito da Torre de Babel. Apesar de fascinante, a operação corre o risco de resultar numa insensatez

Alguns teóricos vêm sustentando que nós estamos vivendo uma segunda revolução industrial. Na primeira, os seres humanos passaram, no começo do século dezenove, a dispor de máquinas que substituíam, em grande medida, o trabalho físico dos homens. Agora, nesta segunda revolução, o trabalho intelectual está sendo, em significativa proporção, potencialmente substituído por máquinas de novo tipo: as máquinas eletrônicas.

Elas estão à nossa volta e em algumas áreas já estamos nos acostumando com elas. Existem pessoas que já não as estranham mais. São os relógios de quartzo, as minicalculadoras, as televisões portáteis a cores, os transistores e os "personal computers". Sobre o "personal computer", um velho amigo meu, ex-militante do Partido Comunista, dizia: "Não adianta esse misterioso amigo pessoal do Collor procurar ampliar sua influência agindo nos bastidores. A dura experiência da luta política me ensinou que no Brasil atual o único PC que tem condições para dar certo é o Personal Computer..."

Já se desenvolveram novas técnicas e se criou inclusive uma nova ciência para lidar com as novas invenções e extrair delas todas as consequências e todos os desdobramentos possíveis. A conquista do espaço, iniciada com o lançamento dos satélites artificiais e com a ida do homem à Lua, indica a importância do avanço realizado nos conhecimentos científicos.

Trata-se de um avanço que justifica grandes esperanças para o futuro. Mas traz com ele, também, enormes riscos. O filósofo polonês Adam Schaff - bastante conhecido do público leitor brasileiro - tem um belo ensaio, muito instigante, nos advertindo quanto às sinistras possibilidades de um mau uso das novas energias dominadas e dos novos conhecimentos adquiridos: o livro *A sociedade informática*, editado pela Brasiliense em co-edição com a Universidade Estadual de São Paulo - UNESP.

Hoje, contudo, não pretendo ocupar este espaço para retomar as lúcidas advertências de Adam Schaff, discorrendo sobre os perigos a que estamos expostos pelo emprego insensato da tecnologia moderna, desenvolvida nesta "segunda revolução industrial". Quero me dirigir aos meus leitores para comentar um caso onde o uso dos computadores tem sido inequivocamente proveitoso para o esforço da humanidade no sentido de se conhecer melhor (e com isso poder conviver melhor consigo mesma).

Refiro-me ao aproveitamento dos modernos recursos da informática pelos linguistas. Alguns deles vêm se dedicando, nos últimos anos, a investigar uma questão que sempre fascinou o pensamento humano: a questão da origem da linguagem.

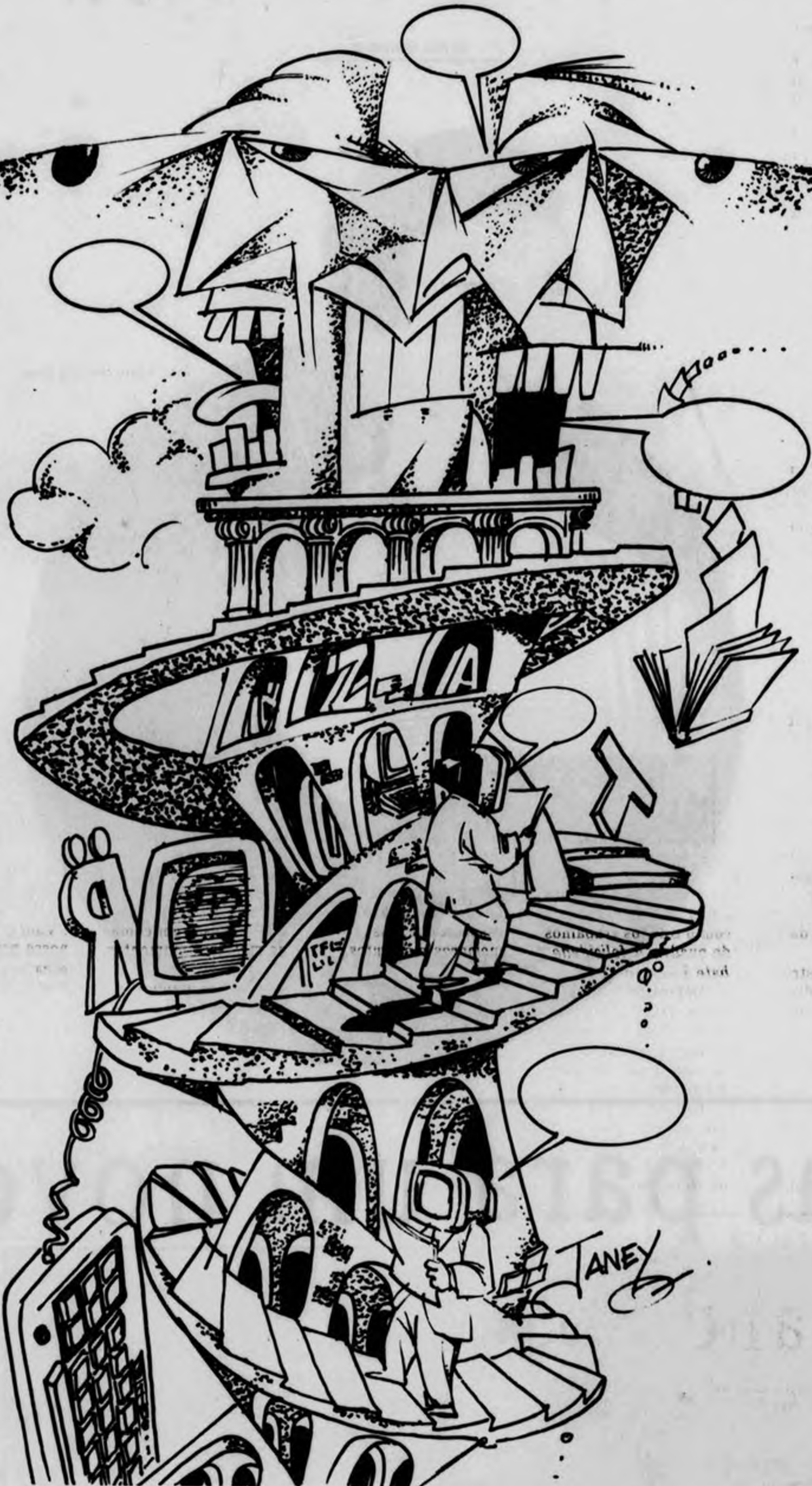
## Torre de Babel: a verdade do mito?

Por sua vastidão, por sua inesgotável complexidade, o problema da origem da linguagem sempre desencorajou os cientistas mais prudentes e, ao mesmo tempo, sempre estimulou a especulação dos filósofos mais ousados. Discutir sobre a origem da linguagem humana é discutir sobre a origem do homem: nada assegura que possamos chegar a uma solução satisfatória segura, definitiva, a respeito dessa questão.

Há algo de extremamente perturbador na pergunta: como surgiu a linguagem? Ela é tão irresponsável como a outra pergunta filosófica "clássica": de onde viemos? Qual é a origem do ser humano?

Para evitar que as pessoas se entregassem a especulações desse tipo, uma sociedade científica que reunia os linguistas franceses no século dezenove estabeleceu em seus estatutos que os seus associados ficavam proibidos de discorrer sobre a questão da origem da linguagem nos congressos em que se reuniam os "sábios". Naquela época, de fé inabalável na Ciência (assim mesmo, com "C" maiúsculo), os "sábios" não deviam perder tempo com questões que não coubessem no campo de competência dos conhecimentos especializados.

Agora, contudo, a ingênua fé ilimitada na "Ciência" está meio desacreditada. As pessoas querem compreender algo das questões que escapam à esfera da capacidade explicativa dos cientistas. Voltamos



Agora, há vários linguistas empenhados em utilizar os computadores para reconstituir aquela que teria sido a raiz das raízes, a língua falada há mais ou menos cem mil anos, e que está sendo chamada de *protomundo*

a reconhecer a legitimidade da especulação filosófica. Sentimo-nos à vontade para voltarmos a nos indagar a respeito da origem da linguagem. E dispomos de computadores para encaminhar nossas perguntas.

Os linguistas programaram computadores para averiguar quais teriam sido as características das línguas das quais descendem as línguas faladas atualmente na maior parte do mundo. Conseguiram reconstituir alguma coisa do teutônico, idioma falado há mais de 3.000 anos, ancestral do dinamarquês, do inglês, do alemão, do holandês, do islandês, do norueguês e do sueco. Reconstituíram traços do antigo eslavo, que deu origem ao búlgaro, ao tcheco, ao polaco e ao ucraniano. Recuperaram elementos do protocéltico, que deu origem ao bretão, ao gaélico, ao corno e ao irlandês. Redescobriram características do índico e do iraniano, que geraram as cerca de quarenta línguas faladas na Índia e no Oriente Médio. E confirmaram, em suas investigações, algo que já havia sido intuído no final do século dezoito: todos esses idiomas - e mais o grego e o latim, com as diversas línguas neolatinas,

inclusive o nosso português - descendem de um tronco comum, constituindo uma única família linguística, a família indo-européia.

Na origem de todas as línguas chamadas indo-européias houve uma língua única, falada há cerca de oito mil anos. Os cientistas, entretanto, não se deram por satisfeitos com esse mergulho no passado, consideraram-no muito superficial. Apoiados nas leis da mudança linguística, sistematizadas por Jacob Grimm no início do século dezenove, os pesquisadores conseguiram reconstituir mais ou menos duas mil palavras do idioma ancestral que nós podemos considerar o avô de todas as línguas indo-européias. Depois, começaram a investigar um certo parentesco desse idioma ancestral com outras protolínguas, isto é, outros idiomas que já desapareceram mas deram origem a outras famílias linguísticas. Começaram a compará-lo com o urálico (avô do finlandês e do húngaro) e com o semítico (avô do árabe e do hebraico). Até que dois linguistas soviéticos - Vádislav Ilitch Svitych e Aron Dolgopolsky - chegaram à conclusão (por caminhos diferentes) de que na raiz do

indo-europeu ancestral e de outras protolínguas houve um idioma comum, ainda mais antigo, ao qual deram o nome de "nostrático" - e que teria sido falado há mais ou menos quatorze mil anos.

Os seres humanos que falavam o "nostrático", segundo os cientistas, eram sobretudo caçadores. Viviam na região onde hoje fica a Turquia e, como usavam a mesma palavra ("kkuyna") para designar tanto o lobo como o cachorro, os pesquisadores acham que eles ainda estavam num período de domesticação dos cães. As investigações realizadas permitiram a reconstituição de cerca de trezentas palavras do "nostrático".

Mas outro linguista soviético - Sergei Starostin - resolveu ir ainda mais fundo e empreendeu a análise comparativa do "nostrático" com o idioma ancestral de outro tronco linguístico, o "sino-caucasiano", que teria sido um idioma tribal falado há mais ou menos quatorze mil anos, tal como o "nostrático". O "sino-caucasiano" estaria na origem (até agora um tanto misteriosa) do idioma basco, e também na origem do etrusco e do sumério (que se supõe ter sido a primeira língua escrita na história da humanidade). Estaria, igualmente, na origem do sino-tibetano (que resultou no chinês) e do proto-idioma norte-caucasiano. Starostin concluiu que o "nostrático" e o "sino-caucasiano" eram aparentados.

Paralelamente, nos Estados Unidos, os linguistas Joseph Greenberg e Merritt Runlen passaram a afirmar que, em sua maioria, as línguas nativas do continente americano descendem de um mesmo tronco, por eles denominado "ameríndio". E o tcheco Vaclav Blazek se pôs a estudar as relações entre o "nostrático", o "sino-caucasiano" e o "ameríndio", revelando algumas semelhanças bastante curiosas entre os três filões.

Agora, há vários linguistas empenhados em utilizar os computadores para reconstituir aquela que teria sido a raiz das raízes, a bisavó originária de todas as línguas, o idioma que teria sido falado pela humanidade há mais ou menos cem mil anos e que está sendo chamado de "protomundo". Estaria, então, reaparecendo com o "protomundo", a língua mítica que era falada em Babel, até que os homens resolveram edificar a famosa Torre de Babel, tão alta que chegasse até ao céu, e Deus os castigou confundindo-lhes as línguas?

## Muita prudência é necessária

Os teóricos dessa nova versão da língua única de Babel (o "protomundo") estão convencidos de que todas as variedades de *homo sapiens* têm uma única origem: elas vêm da África. Essa é, por exemplo, a convicção de Rebecca L. Cann e de Luigi Cavalli Sforza. Recentemente o jornal *O Globo* reproduziu um artigo do *U. S. News & World Report* em que essa tese era endossada enfaticamente (4-11-1990). E Vitaly Shevoroshkin e John Woodford estão publicando nos Estados Unidos um livro intitulado *A língua-mãe*, que bota na fogueira dessa crença.

Mas é necessária muita prudência para quem deseja caminhar na estrada dessa investigação. O monogenismo não pode ser dado como seguro. Outros pesquisadores acham que o poligenismo é mais provável: há indícios de que o aparecimento do *homo sapiens* não se deu num único lugar para depois ocorrer a difusão em escala mundial. Nos ritmos lentos em que as transformações históricas aconteciam, é mais verossímil - asseveram tais autores - que as experiências da gênese do *homo sapiens* tenham se processado paralelamente umas às outras.

Os computadores são utilíssimos. Mas precisam ser programados. E, se os programadores predeterminam determinadas hipóteses como "verdades", estarão induzindo as dóceis máquinas a produzir conclusões sofisticadíssimas fundamentadas, porém falsas.

(Estou me dando conta de que, chegando ao final dessa matéria sobre o uso dos computadores na investigação da origem da linguagem, acabei retomando a advertência de Adam Schaff citada no início do texto, quando me referi ao livro *A sociedade informática*. As novas energias dominadas e os novos conhecimentos adquiridos não nos asseguram, automaticamente, a capacidade de usá-los com sensatez...).